

REFLEXOS NO ESPELHO: REFLEXÃO SOBRE AS CIÊNCIA(S) DA(S) RELIGIÃO(ÕES) NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIROS

Rodrigo Portella¹

Resumo: o presente artigo quer ser uma reflexão – e um breve resumo - sobre um pouco do debate que se trava nos meios acadêmicos a respeito da identidade acadêmica da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões), particularmente no ambiente da pós-graduação. Não se trata de uma revisão de literatura, nem pretende, o artigo, abarcar todas as nuances e questões em jogo. Apenas, de forma muito limitada, visa oferecer algumas reflexões e fragmentos de reflexão para uma determinada visualização sobre o tema, suas dificuldades e oportunidades. Quer ser, portanto, uma breve introdução ao tema. Para esta reflexão, descrevo um pouco do mapa das Ciências da Religião no Brasil, algumas características importantes que o mapa apresenta, além de problematizar certas características presentes no mapa.

Palavras-Chave: Ciência da Religião; Pós-Graduação; Epistemologia; Ensino Superior.

REFLEXES IN THE MIRROR: REFLECTION ON THE RELIGIOUS SCIENCES IN THE BRAZILIAN RESEARCH CENTERS

Abstract: This paper tries to be a reflection - and a brief summary - a bit about the debate that rages among academics about the identity of the academic Science of Religion, particularly in environment of graduate school. This is not a literature review, nor will it, the articles cover all the nuances and issues involved. Only in very limited way, aims to offer some thoughts and fragments of reflection for a particular view on the subject, difficulties and opportunities. Want to be, therefore, a brief introduction. For this discussion, I describe a little map of the Science of Religion in Brazil, some important features that the map shows, in addition to questioning certain features in the map.

Keywords: Science of Religion; Graduate; Epistemology; Higher Education.

Introdução

Introduções têm a função de facilitar o acesso do leitor ao tema abordado pelo autor. Porém, esta introdução inicia com a constatação de uma dificuldade. A própria nomenclatura do objeto de estudo aqui proposto já apresenta a complexidade do tema do artigo: Ciência da Religião (como é o nome, por exemplo, do Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF)? Ciências das Religiões (como é o nome do Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal da Paraíba - UFPB)? Ciências da Religião (como nomeado nos demais Programas de Pós-Graduação)? A problematização do objeto, portanto, já inicia por sua própria nomeação,

¹ Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, e coordenador da coleção “Cultura & Religião”, da Editora Santuário.

que, para muitos, longe de ser um detalhe, diz respeito à própria compreensão do objeto de estudo e das metodologias e epistemologia envolvidas na área.

O assunto é, certamente, complexo, mas não confuso. Talvez um dos problemas – a só ficar, neste exemplo, na questão dos títulos dos Programas, como acima citado – estaria vinculado às concepções diferentes sobre religião que há no meio acadêmico e, propriamente, nos Programas. Assim, religião, no singular, suporia que sob muitas formas há algo comum às religiões, e religião é um objeto só; religiões, no plural, mostraria que se mantém distâncias entre as religiões, só podendo-se estudá-las, compreendê-las ou explicá-las em separado, nas suas particularidades; já o singular para ciência talvez possa querer delimitar uma abordagem prioritária ou única (ou, ainda, sintética), sob certo aspecto; finalmente, se se diz ciências é porque todas as abordagens sobre o objeto seriam aceitas, preferencialmente se resguardando a independência de cada disciplina/ciência. Adiante se tratará novamente de tal questão.

Como egresso de dois Programas de Pós-Graduação em Ciência(s) da Religião² (de configurações ora distintas, ora próximas), o tema deste artigo nasce das próprias entranhas do autor, de suas experimentadas dúvidas e estranhamentos, de suas suspeitas e visão crítica, que catalisam um pouco das inquietações, tensões e polêmicas que marcam esta área de estudos (trataria-se de uma área de estudos/área disciplinar ou de uma ciência?). As Ciências da Religião (ao menos no Brasil) têm carregado o que chamo de incerteza identitária, já que há compreensões díspares, entre profissionais e estudantes da área, sobre o que seja(m) a(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões). Claro, em qualquer ciência há diversidade interna de correntes e métodos. Mas, aqui, não se trata disto. Refiro-me à própria dificuldade que há em estabelecer consensos mínimos sobre as bases comuns de um projeto acadêmico de Ciências da Religião. É o que desenvolverei, um pouco, na análise a seguir.

No Brasil há (2010) oito Programas de Pós-Graduação *Stricto-Sensu* em Ciências da Religião, sendo dois alocados em universidades públicas, federais. Quatro deles comportam mestrado e doutorado (UMESP, UFJF, PUC/SP, UCG) e o restante (Mackenzie/SP, PUC/MG, PUC/PE, UFPB) abriga apenas o mestrado. Alguns também

² No presente trabalho usarei, ora de forma aleatória, ora selecionadamente, as três distintas nomeações do curso, respeitando a pluralidade de concepções sobre ele.

oferecem cursos de especialização. O primeiro a surgir no Brasil, o da UMESP³, na década de 1970, teve desde seu início forte influência da Teologia cristã, nomeadamente protestante. A partir da década de 1990, particularmente, surgiram os demais cursos de pós-graduação, e o novo milênio tem presenciado o crescimento de tais Programas. Interessante é notar que, ao contrário das demais Pós-Graduações, que geralmente nascem como desenvolvimento de graduações, os Programas de Ciências da Religião surgem, no Brasil, independentes de graduações na área. A única exceção foi o da UFJF⁴, precedido de uma graduação em Ciência da Religião. Embora existam atualmente (de criação recente) alguns cursos de graduação em Ciências da Religião em Instituições de Ensino Superior - IES brasileiras, foram os Programas de Pós-Graduação que deram visibilidade a esta área/ciência, a constituindo de fato no Brasil⁵.

Este artigo, conforme delineado em seu título, busca visibilizar alguns reflexos, rostos, identidades que as Ciências da Religião assumem no Brasil, fazendo com que estes rostos se vejam refletidos no espelho e nele percebam, como mosaicos que formam, de forma fosca ou límpida, a si mesmos⁶. Olhar-se no espelho é buscar identidade. Esta é a intenção: perscrutar um pouco tais identidades, refletindo os rostos das Ciências da Religião, assim como também a construção de seu lugar junto à Academia no Brasil⁷.

Não tenho a intenção, porém, de aqui tomar partido de um ou de outro projeto específico para a definição de Ciência(s) da(s) Religião(ões), ou levantar bandeira. A intenção é mais modesta. Não pretendendo defender, a priori, um projeto específico,

³ Atualmente classificado, pela CAPES, com a nota 6.

⁴ Atualmente classificado, pela CAPES, com a nota 5.

⁵ Também se destaca o fato de que muitos cursos de graduação em Ciências da Religião não sempre formam turma; os cursos de Pós-Graduação, por sua vez, costumam ter excelente procura.

⁶ Aqui quero manifestar o meu agradecimento aos professores Dr. João Lupi, da UFSC, Dr. Ênio Mueller, da EST, e Dr. Jorge Cláudio Ribeiro, da PUC-SP, pela leitura do presente texto e por suas preciosas ponderações.

⁷ Lugar, por vezes, questionado e controvertido, sob a suspeição de outros cursos/ciências, que notam nas Ciências da Religião, ora uma área/ciência desnecessária diante das ofertas sobre a possibilidade de estudos sobre a religião que as outras ciências tradicionais na Academia podem proporcionar; ora sob a acusação de que é uma área/ciência que vela concepções impuramente acadêmico-científicas, de orientações apriorísticas ou doutrinárias/confessionais incompatíveis com certas concepções de ciência presentes no meio acadêmico brasileiro (e tanto mais grave este velar se tornaria quando os cursos estão presentes em universidades públicas).

intento apenas resumir um pouco algumas das questões envolvidas na discussão sobre a busca de identidade da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões) no Brasil.

A(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões): as revelações dos nomes

Luís Felipe Pondé (2001, p. 64) afirma que a questão epistemológica em Ciência(s) da Religião é complexa, sem que algum tipo de “contrato epistemológico” venha a resolver o problema. É claro que não tenho, neste artigo, a pretensão de apontar soluções para a questão, mas pretendo visibilizar um pouco deste debate.

A primeira dificuldade que encontramos para averiguar questões relativas à área/ciência(s) se encontra na própria nomenclatura da área/ciência(s), que longe de ser um detalhe, muito diz à complexidade da questão: Ciências da Religião, Ciência da Religião ou Ciências das Religiões?

A Ciência da Religião (no singular) costuma ser compreendida como o projeto de uma ciência que unifique/sistematize várias disciplinas para uma abordagem científica da religião; ou que crie, a partir de várias disciplinas, um método específico seu. Entretanto, se a ciência é caracterizada pelo método, e não pelo objeto, então há de se perguntar se o agregar de forma fusional vários métodos daria em um método. Contudo, se a Ciência da Religião, mesmo que dita assim, no singular, visa uma polissemia metodológica, é de se perguntar, então, o porquê de uma Ciência da Religião, e não simplesmente, por exemplo, uma área de concentração, no Departamento de Filosofia, de Fenomenologia da Religião; uma, na História, de História das Religiões; e uma, nas Ciências Sociais, de Ciências Sociais da Religião?

Ainda no conceito de Ciência da Religião, a religião, estando no singular, revela que pode ser entendida de forma substancial, e não como expressões humanas puramente sociais/funcionais, como o plural “religiões” poderia sugerir. Trataria-se de estudar não as religiões, mas a religião presente nas religiões, em abordagem hermenêutica. O singular para ciência também revela: um método, uma determinada epistemologia. Não sendo plural, não se evoca, necessariamente, uma plêiade disciplinar, um campo, mas uma ciência.

Porém, nem sempre Ciência da Religião, no singular, aponta para um conceito/projeto de aura fenomenológica. A expressão *Ciência da Religião*, na pena de

Frank Usarski, professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP, não conduz a uma abordagem fenomenológica. Aliás, Usarski faz uma longa crítica à fenomenologia em seu artigo “Os enganos sobre o sagrado” (2004) e, no quadro desta área de estudos no Brasil, propõe uma Ciência da Religião secundada pelo paradigma da Ciência da Religião conforme praticada na Alemanha, particularmente na Universidade de Hannover, onde, aliás, se doutorou.

A conceituação Ciências da Religião⁸, por sua vez, deixa intacto um conceito de religião (no singular) que tende a apontar o objeto com, até certo ponto, independência das mediações sociais/humanas; um *numen*, ou sagrado, próximo às concepções de Rudolf Otto e Mircea Eliade, que se manifestaria historicamente nas sociedades, mediado pelas culturas. Contudo, o plural para ciência parece abrir mão da intenção de se evocar um método para a aproximação ao objeto, advogando a pluralidade (e independência, por suposto) de métodos para a análise do objeto, sem que necessariamente as ciências, em suas particulares visões sobre o objeto, dialoguem ou visem algum tipo de síntese de observação ou pesquisa.

Seguindo uma tendência até agora isolada no Brasil, o Programa da UFPB se intitula de Ciências das Religiões. Ao se referir à religião no plural, observa-se uma recusa a entender a religião como, de alguma forma, uma experiência comum a todos e independente, *extra nos*. A nomenclatura aponta para a ideia de que só se pode estudar as religiões em sua variedade de formas sociais/culturais, devendo assim ser consideradas elas (como produções sócio-culturais), não correspondendo, as religiões, a expressões culturais e sociais de um suposto sagrado comum a todas as religiões⁹.

⁸ Adotada pela maior parte dos Programas de Pós-Graduação no Brasil.

⁹ Porém é interessante – e certamente importante – constatar que as disciplinas que estudam a(s) religião(ões), nas ciências humanas e sociais, quase sempre, no Brasil, denominam o objeto no singular, “religião”: antropologia da religião, sociologia da religião, psicologia da religião. Partem, assim, de um pressuposto essencialista para entender a(s) religião(ões)? Penso que não. Talvez apenas se tenha em conta o fenômeno religioso como tal independentemente das diferenças; já a história, quando se nomina história “das religiões”, prefere manter as diferenças entre elas. Outra possibilidade – que talvez se mostre válida também para as auto-denominações dos Programas – é a de que simplesmente esta questão não é refletida em tais nomenclaturas, que se dariam, assim, passando ao largo de discussões teóricas de cunho essencialista ou reducionista, fenomenologista ou empirista. Marcelo Camurça, por exemplo, aponta que, nos cursos na França, diz-se “anthropologie religieuse”, e “sociologie religieuse”, que, na tradução exata seria antropologia/sociologia religiosa (Camurça, 2008, p. 74, nota 5). Ora, o termo “religiosa” pode ser bastante comprometedor, apontando para uma reflexão interna à religião, um estudo propriamente religioso do que se propõe estudar. Mas, claro, não é este o propósito – como se pressupõe – da sociologia e da antropologia na França, ao estudar temas referentes às religiões. Portanto, é realmente possível que

A abrangência e os limites do projeto da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões)

Para Filoramo e Prandi “não é pensável que um simples estudioso tenha a pretensão de orientar-se com igual domínio nos diversos campos disciplinares que formam as atuais ciências das religiões” (1999, p. 6). Queria a proposta das Ciências da Religião produzir um super-acadêmico, holístico e supra-disciplinar em competências e operacionalidades? Ou em fazer com que as diversas visões acadêmicas sobre religião possam estar assentadas em lastros de síntese? Talvez nenhuma das duas possibilidades. Ao que parece, algumas pesquisas desenvolvidas em Programas tendem mais a que vislumbremos não uma ciência ou ciências em diálogos, mas disciplinas acadêmicas que de forma estanque fazem suas pesquisas, das quais nascem dissertações e teses em Filosofia da Religião, Sociologia da Religião, História da Religião, Teologia, Exegese, Psicologia da Religião. Mas, então, retorna a pergunta: não seria mais honesto e coerente abrigar tais pesquisas em áreas de concentração dentro destes Departamentos/Programas universitários específicos? Em que, nisto, se faz *Ciência(s) da Religião*, ou Ciência dialogando no sentido de uma síntese que justifique uma área de estudos independente chamada Ciência(s) da Religião?

Outra questão a se observar é quem, na docência e discência, faz parte destes Programas. Pessoas que entendem a religião de forma endógena (nativos, em linguagem antropológica)? Ou que estudam a religião de forma exógena (agnósticos e ateus)? O que está por trás desta discussão? A questão do envolvimento do pesquisador com o objeto de pesquisa, e as consequências que tal envolvimento (ou falta dele) possa fazer incidir sobre o processo de pesquisa e as conclusões dele. É, sim, uma velha polêmica, mas que precisa de especial esclarecimento no caso das Ciências da Religião, até mesmo no julgamento que outras áreas de estudo fazem dela.

as nomenclaturas possam ser “distraindas”, digamos assim, ou pouco refletidas. Mas, se assim for (e, principalmente, para o que aqui nos interessa, se assim for quanto aos nomes dos Programas), há aí, certamente, um problema, ou seja, uma área/ciência que não reflete e se posiciona – seja de forma unívoca, seja na pluralidade de compreensões – sobre si, sobre seu mais básico, o nome, a identidade, certamente sinaliza, na ausência ou fraqueza da reflexão, precariedade sobre sua auto-compreensão epistemológica.

Na visão de Pedro Ribeiro de Oliveira (1998, p. 15), “para estudar religião é indispensável entender sua linguagem (...). Quem pertence a este campo religioso tem familiaridade com sua linguagem nativa, conquanto para quem o estuda de fora, ele é como uma língua estrangeira a ser sempre traduzida para o código científico”. O postulado é que os iguais se (re)conhecem¹⁰. Nada tão distante do postulado positivista de ciência que influenciou (e ainda influencia) a Academia no Brasil. Interessante, em contraposição, que Filoramo e Prandi não vejam lugar para a Teologia e a Filosofia em seu projeto de Ciências das Religiões, pelo caráter *a priori* ou de revelação de uma, e abstrato e axiológico de outra, o que pressuporia juízo de valores, o que não estaria concorde com um conceito empírico de ciência. A única religião que poderíamos investigar seria a histórica, empírica, e a partir de um ponto de vista empírico, e sem valorar os resultados da pesquisa. Como critica Usarski (2004, p. 88): “enquanto a ciência é, por definição, um empreendimento público, portanto exotérico, os representantes da Fenomenologia da Religião exigem do leitor um acordo com seus procedimentos, substituem uma discussão metodológica séria por uma contemplação sobre o fenômeno”. Antonio Pierucci (1997), por sua vez, é até mais amplo na crítica, pois critica de uma forma geral todos os sociólogos (em qualquer Programa de Pós-Graduação) que, tendo explícitos vínculos religiosos, investigam as religiões. Assim, fala dos interesses religiosos dos sociólogos da religião (causando uma “impureza” no processo e conclusão da pesquisa). Não há espaço suficiente para esta discussão agora, já travada com ele por Marcelo Camurça, professor no curso de Ciência da Religião da UFJF (2001).

Aqui é forçoso perguntar: existe o ser humano asséptico, sem condicionamentos e tendências pré-determinadas por suas experiências e história? Mais: existe

¹⁰ Um exemplo: nas pesquisas sobre o Santo Daime alguns orientadores são de opinião de que o pesquisador deve ingerir o chá de *Ayahuasca* para melhor “apreender” a experiência do grupo e compreender o objeto de pesquisa. Porém, os defensores *hard* de uma vivência do objeto para melhor compreendê-lo, ainda podem achar insuficiente este tipo de aproximação ao objeto de estudo, pois um não adepto do Santo Daime, ainda que tome o chá ritual, não teria uma “experiência nativa”, já que ainda o pesquisador não seria um crente interno ao grupo, o que faria de sua experiência uma representação enviesada, não substancialmente endógena. Por outro lado, se pergunta: teria o cientista das religiões que deixar de comer carne de porco e rezar, sobre um tapete, em direção à Meca, para entender o que é ser muçulmano? E, ampliando a questão para outras áreas do saber: o médico teria que ter todas as doenças para saber como tratá-las? Enfim, evidencio, aqui, por meio de tais exemplos, um pouco do debate.

neutralidade científica? Ora, também na Antropologia, por exemplo, longe do anonimato de plurais majestáticos, por exemplo, é preciso saber quem fala/escreve, pois a biografia incide nos resultados da pesquisa. Neste sentido Geertz (2002, p. 21) defende “a legitimidade da empatia, do *insight*, como formas de cognição”. Portanto, aqui precisamos nos fazer algumas perguntas. Primeiro: há na comunidade acadêmico-científica um conceito unificado do que seja ciência? Absolutamente não. Para um químico, a Antropologia Social, por exemplo, pode não passar de mera especulação, sem caráter científico. Para algumas ciências, a ciência não se define apenas pelo método, mas por resultados objetivos, aferidos através da repetição da experiência que levaria sempre às mesmas conclusões. É o conceito *hard* de ciência, duro. Para este conceito, se duas pesquisas de antropologia chegam a resultados diversos, não se pode falar de ciência. Para, por exemplo, Geertz (1978, p. 26), “o status objetivo do conhecimento antropológico não é a realidade social, mas um artifício”. E assim poderíamos alargar esta reflexão – desde um ponto de vista semiótico - para todas as ciências, inclusive as *hard*.

O lugar da Teologia

As Ciências da Religião têm, historicamente, seu berço na Teologia, desmembrando-se desta, mas sempre em diálogo com esta. Ademais, no Brasil, a maior parte dos Programas de Ciências da Religião nasceu de projetos ligados às Instituições Teológicas, ou no âmbito de IES confessionais. Também boa parte de seus docentes (a quase maioria?) tem formação teológica ou ligações eclesiais explícitas ou implícitas.

As Ciências da Religião no Brasil, portanto, nascem deste diálogo (e tensão) com a Teologia, embora se fazendo academicamente autônoma em relação a ela (ou assim desejando)¹¹. Contudo, entidades como a ANPTECRE (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião), que congrega cursos de Teologia e de Ciências da Religião, e a SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião), que congrega os acadêmicos de ambas as áreas, além de Congressos e Simpósios intitulados de “Teologia e Ciências da Religião”, não

¹¹ Esta questão, do lugar da Teologia nas Ciências da Religião, foi desenvolvida, sob certa ótica, no texto de Eduardo Gross, “Considerações sobre a teologia entre os estudos da religião”, In: TEIXEIRA, Faustino. *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil. Afirmção de uma área acadêmica*. S. Paulo: Paulinas, 2001. p. 323-346.

deixam dúvidas sobre a história conjunta e de intercâmbios acadêmicos entre Teologia e Ciências da Religião. Também na CAPES os cursos de Ciências da Religião estão alocados na área de Teologia/Filosofia, e na subcomissão Teologia.

Porém, a questão do que é (são) a(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões) fica ainda mais complexa quando se discute a legitimidade, ou não, da Teologia como, por exemplo, possível área de concentração/investigação num curso de Ciência(s) da Religião e, ainda mais polêmico, da (i)legitimidade da influência de pressupostos teológicos nos processos de pesquisa e em suas conclusões. Neste quesito temos ânimos exaltados, tanto daqueles que defendem a Teologia como uma ciência e de que, como tal, deve contribuir em um estudo da religião num Programa de Ciência(s) da Religião (ou mesmo ser o lastro de *background* deste estudo); como daqueles que entendem que a Teologia (cristã, na maior parte de nossos ambientes acadêmicos), por sua visão de uma religião específica enquanto revelação, estaria de antemão comprometida em sua neutralidade (ou mesmo cientificidade) para uma investigação da(s) religião(ões) sem compromissos religiosos prévios.

Interessante é constatar que o caminho inverso é já admitido com alguma naturalidade na Teologia, ou seja, da influência das Ciências da Religião sobre a Teologia¹². A Teologia cristã, protestante histórica e católica, é influenciada, na contemporaneidade, pelo olhar sobre a religião que têm as ciências sociais, a psicologia, as ciências literárias, as ciências pedagógicas (se assim podemos nomear), etc¹³. Claro, esta constatação se faz às Escolas Teológicas mais abertas à perspectiva teológica acadêmica interdisciplinar, pois a perspectiva interdisciplinar encontra resistência em ambientes teológicos devedores de projetos e orientações fundamentalistas (no protestantismo) ou “tradicionalistas/conservadoras” (no catolicismo), assim dito provisoriamente. Contudo, fato é que na Teologia contemporânea (particularmente a de

¹² Se aqui entendemos de forma ampla as Ciências da Religião, ou seja, as Ciências Sociais pesquisando as religiões e tecendo suas conclusões sócio-antropológicas sobre as expressões religiosas; a Psicologia aferindo a religião e a enquadrando em teorias sobre a psique, a sexualidade, as relações parentais, etc; a História tendo seu olhar particular sobre as religiões e seus processos, relações econômicas e de poder; a Filosofia interpretando as religiões em gradientes para além da revelação/dogmática doutrinária; as Ciências Literárias garimpando semióticas e estruturas discursivas em textos considerados sagrados (e mesmo nos discursos das instituições); a Geografia revelando a incidência de ambientes geográficos específicos nas estruturas religiosas.

¹³ Na Teologia protestante tal influência tem sua germinação já no século XIX, com a Teologia Liberal na Europa; na Teologia católica tal influência se faz sentir, sobretudo, a partir do Concílio Vaticano II.

raiz européia) as teorias literárias e a crítica literária têm influenciado e mesmo redimensionado a exegese/interpretação bíblica; as teorias psicológicas sobre a religião têm influído nas abordagens teóricas e práticas da teologia pastoral/psicologia pastoral; as teorias pedagógicas influem na catequese; as teorias sociológicas sobre religião e sociedade têm influído (sobretudo na América Latina) sobre a Teologia de uma forma geral, em suas várias especialidades; enfim, as abordagens científico-acadêmicas de várias áreas do saber que se debruçam sobre a religião têm influído na Teologia de uma forma geral, inclusive dando margem, em suas visões críticas sobre a religião, ao surgimento de teologias específicas, como a da libertação, a negra, a feminista. Portanto, a partir deste espectro, a Teologia tem dado naturalmente (embora não sem tensões e polêmicas) espaço à influência das ciências não teológicas (em suas abordagens sobre a religião) no estudo teológico.

Esta aparente “naturalidade”, porém, não sempre encontra eco quando o debate é sobre o lugar da Teologia nas Ciências da Religião, tanto num modelo plural (campo disciplinar) como num modelo singular de uma Ciência da Religião. Por exemplo, é de se perguntar se é tranquilo, para um sociólogo ou antropólogo da religião, deixar-se influenciar, em seu método, no processo de investigação e nas conclusões, por assertivas puramente teológicas. Claro, a Teologia também se faz presente (mesmo necessariamente, talvez), de alguma forma em sua investigação, mas no sentido de compreender a fé doutrinária/institucional presente ou não em seu campo de investigação/pesquisa. Mas, até onde percebo, não vejo, de forma significativa, pressupostos teológicos influírem nos processos e conclusões de estudos na área das Ciências Sociais da Religião. O mesmo poderia-se dizer quanto aos estudos na área de Psicologia da Religião (?), por exemplo. Talvez uma relação mais próxima, de influências cruzadas, esteja na Filosofia da Religião (e História das Religiões, dependendo do Programa).

Outra questão a ser refletida é o comprometimento (ou não) das Ciências da Religião, no Brasil, com pressupostos confessionais. Luís Dreher (2001, p. 169) anota que a criação da maioria dos Programas de Ciências da Religião no Brasil deu-se a partir de iniciativas eclesiais, mostrando o compromisso com uma compreensão substantiva de religião. E, além da maioria deles estar abrigado em IES confessionais, é

preciso verificar que, seus docentes, em grande parte, são ministros ordenados ou intelectuais comprometidos com instituições religiosas. O que isto significaria para o entendimento da identidade das Ciências da Religião? Haveria problemas nestas pertencas, ou trataria-se, esta suspeita, de simples preconceito positivista e xenofobia religiosa?

Talvez, contudo, este “problema” não se coloque com tanta ênfase àqueles que têm uma concepção de Ciência da Religião (aqui, tudo no singular) como um projeto que não seja, necessariamente, compromissado com apriorismos de fé/doutrina, mas que considerando a Teologia como uma ciência descritiva e reflexiva que mesmo um ateu pode realizar, entendem seu estudo, ainda que com *background* teológico, a partir de uma *epoché* pessoal. Nesta compreensão, Teologia é a reflexão e sistematização da doutrina e das experiências religiosas de uma determinada religião, de forma a mostrar sua coerência e unidade; a partir desta concepção, um budista pode fazer teologia muçulmana, um católico teologia hindu, e um ateu teologia taoísta¹⁴; assim a Ciência da Religião seria a Teologia (teórica) do fenômeno religioso em geral, ou universal.

Esta relação, de proximidade e de distância, entre Teologia e o que se convencionou como sendo Ciência(s) da(s) Religião(ões), pode ser comparada, no meu entender, como na imagem de uma relação parental. Como o filho (Ciências da Religião) que, já adulto, sai da casa da mãe (Teologia), mas que, evidentemente, nunca deixa de ser filho daquela mãe, gravado isto inclusive em seus genes. Ou ainda pode ser útil a imagem de dois irmãos (Teologia e Ciências da Religião), filhos dos mesmos pais (ou, quem sabe, meio-irmãos), que, sendo irmãos e vivendo na mesma casa (estudos sobre a religião) têm interesses ora distintos, ora comuns, mas não vivem sem querer um se auto-afirmar sobre o outro com suas inadiáveis brigas de irmãos. Realmente não sei se estas imagens mais ajudam ou atrapalham, se são úteis ou equivocadas. Mas o fato é que as Ciências da Religião, enquanto projeto acadêmico, têm sua origem (confessada ou omitida) na Teologia e, particularmente no Brasil, têm estreitos laços com ela. De

¹⁴ Uma digressão: interessante constatar que André Comte-Sponville (*O Espírito do Ateísmo*. São Paulo: Martins fontes, 2007), ateu, não nega, por exemplo, o valor das doutrinas/fés e teologias, valorando-as enquanto referenciais de “comunhão” de valores universais necessários ao equilíbrio social e pessoal. Fala, assim, da importância da “fidelidade” a estes valores (o contrário seria o nihilismo ou o relativismo radical). Neste sentido mesmo um ateu pode fazer Teologia, embora sem aderir ou defender, claro, aos temas da origem metafísica ou transcendental da religião.

que tipo são estes laços e até onde vão? Quais os limites? Quais os pontos de cisão? Qual a comunhão necessária?

Explicação e Compreensão: dois parâmetros interpretativos para a área/ciência(s)?

Filoramo e Prandi (1999) talvez contribuam, para a percepção deste quadro, ao nomear a medida de todas as tensões e polêmicas evidenciadas até o momento na oposição de duas escolas distintas: explicação e compreensão. A escola da explicação, em cujo nicho estariam as ciências sociais e psicológicas, trata a religião de forma empírica, como manifestação sócio-antropológica ou psíquica, e redutível a ser explicada em suas funções e estruturas em relação ao meio social, como seu produto. Ou seja, a religião é observável e decifrável a partir de métodos de pesquisa crítica. É o que aponta com clareza Paula Montero (1999, p. 329): “Os fenômenos religiosos interessam-me, não como um campo em si mesmo de investigação, mas como via de acesso à compreensão da sociedade brasileira”. Aqui está, grosso modo, o caminho da explicação, ou seja, não considerar a religião em si, mas de forma funcional em relação à sociedade. O que se estuda é a sociedade.

Já o pólo da compreensão vê nas religiões certa autonomia em relação às suas expressões sócio-históricas. Assim, a religião diz-se a si mesma, e não somente a coisas diferentes, como pressupõe a escola da explicação. Mister é compreender a essência da religião que se manifesta nas religiões. Filoramo e Prandi (1999) defendem a ideia – a começar pelo título do livro que escrevem – de que esta tensão entre dois modelos deva ser diluída por um modelo de integração, no pluralismo metodológico, em que cada disciplina (de viés explicativo ou compreensivo) resguarde, no seu interior, os seus próprios pressupostos metodológicos e de cientificidade. Propõe as Ciências das Religiões como campo disciplinar, dinâmico em diálogos entre as disciplinas. Portanto, não uma justaposição ou sincretismo metodológico. Mas uma confederação que resguarde a autonomia (as leis metodológicas internas) das disciplinas¹⁵.

Os autores falam de uma autonomia relativa da religião, ou seja, existiria sim uma linguagem religiosa a perpassar as religiões, um fio comum, certa auto-regulamentação. Contudo, o acesso do estudioso é em relação às religiões históricas.

¹⁵ Quanto à análise desta discussão em Filoramo e Prandi, ver Camurça, 2008.

São estas a que ele teria acesso, e não a uma suposta religião essencial. Enfim, o que se estuda são as mediações culturais de certa estrutura simbólica sempre presente. É a isto, de fato, a que o pesquisador tem acesso, o seu possível. Portanto, importa não privilegiar nem uma abordagem que se queira descobridora de uma religião pura, nem a que visa só as funções da religião na sociedade e cultura, ou psique. Mas fazer estas duas perspectivas dialogarem criativamente e polinizaram-se, ainda que não se proponha um sincretismo metodológico.

Em alguns Programas existem áreas de concentração cujo pano de fundo metodológico é claramente hermenêutico e que flertam com uma concepção substancial de religião, convivendo, estas áreas, no chão diário das pesquisas, com áreas que optam por uma visão mais reducionista ou funcionalista a respeito da religião. No caso da UMESP havia, por exemplo, até 2006, uma área nominada *Ciências Sociais e Religião*, ao lado de áreas denominadas de *Teologia e História* e *Literatura e Religião no Mundo Bíblico*, em que o objeto de estudo desta última era o livro sagrado judaico-cristão, e os docentes exegetas formados por universidades teológicas. A UMESP, portanto, apresenta(va) um conceito elástico de Ciências da Religião, onde as Ciências Sociais têm o seu lugar, as Bíblicas o seu, a Teologia Pastoral o seu, e assim adiante. A questão é saber, em qualquer Programa que apresente um perfil próximo a este, até que ponto as diferentes áreas traçam um projeto em comum, polinizando-se mutuamente em diálogos ou em intercâmbios, ou até que ponto este diálogo/cruzamento não existe ou não é desejado ou considerado importante. As respostas e posicionamentos quanto a esta questão dirão muito a respeito do projeto de Ciência(s) da(s) Religião(ões) que se intenta construir.

Joachim Wach (1990), por sua vez, postulava uma Ciência da Religião em que as ciências empíricas e as ciências apriorísticas (Fenomenologia, Teologia), pudessem conviver num casamento de contrários dentro de uma mesma casa, a casa de uma Ciência da Religião. Já Usarski (2006) chama a atenção para a Ciência da Religião enquanto metareflexão, por seu próprio caráter tensional entre as tendências reducionistas e as fenomenológicas.

Wach se distancia da perspectiva de uma área de estudos (composta de diferentes ciências) para a perspectiva de uma metodologia de estudo, ou melhor, uma

ciência, da religião, que se utiliza de vários enfoques sem ser refém de nenhum, ou sem vassalagens exclusivas e só eventualmente dialogais. Não que Wach faça uma salada mista. A autonomia de cada ciência continua em suas análises, mas uma autonomia relativa que serve a um objetivo maior, dialogal, dialético e sintético.

Para tanto Wach propõe uma Ciência da Religião que seja descritiva e hermenêutica, que una abordagens explicativas e compreensivas. Colin Campbell, ao apontar para a orientalização do Ocidente (1997), chama a atenção que, neste volver de paradigmas, o binômio *sim ou não* dá lugar ao modelo *sim e não*. Isto é, usufruir do paradoxo e harmonizar os contrários. Assim, Fenomenologia/Teologia/Filosofia e Ciências Sociais e Psicologia, no âmbito do estudo da religião, não seriam excludentes, mas polinizariam-se ou dialogariam e, quem sabe, visariam sínteses.

Porém, em Wach, a última palavra, parece, é hermenêutica e fenomenológica. Cartaxo Rolim (1997), quanto à questão da interpretação hermenêutica, chama a atenção, neste íterim, de que a proposta de Wach não é asséptica, neutra, mas, no próprio ato de interpretar, carrega em valoração, já que quer definir um *numen*, uma realidade *extra nos* que toma o ser humano em sua experiência sócio-histórica.

Já a interdisciplinaridade, defendida por Marcelo Camurça (na esteira de Filoramo e Prandi), é uma via de diálogo e trocas, mas não é uma via de síntese orgânica (Camurça, 2008). A questão, portanto, também é se, para além da questão de possível ou não uma síntese orgânica, *é (ou não) desejável uma síntese orgânica* condensada no projeto de um método unificado. Pergunto se desejável, além de possível, pois que é sabido que, para o bem ou para o mal, toda área de estudos específica tende para uma auto-proteção de seu método e corporativismo acadêmico.

Finalizando: algumas questões práticas para a identidade acadêmica das Ciências da Religião e de seus cientistas

Como já sinalizei, uma das questões de fundo no debate que aqui se propõe diz respeito à postura do pesquisador. Enquanto uns advogam que os pares se conhecem, e que é preciso alguma experiência religiosa do pesquisador para poder compreender epidermicamente, por dentro, seu objeto de estudo, outros defendem que tanto melhor seria, para a cientificidade da pesquisa, que um budista pesquise o cristianismo e vice-

versa, e tanto melhor se o pesquisador não tiver religião. O que puxa outra questão, que diz respeito à própria discussão sobre a formação acadêmica dos docentes nos Programas de Ciências da Religião. Que formação supor? Na UFPB, por exemplo, há docentes cujo doutorado é em Medicina, Enfermagem, Letras, Bioquímica, Ciência da Informação, Patologia Experimental¹⁶. Não há (ou não havia), no entanto, nenhum docente doutorado em Ciências da Religião, como, aliás, costumam ser os pesquisadores doutorados nesta área/ciência ainda minoria também entre os docentes nos demais Programas.

Para a(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões), ou melhor, para aqueles que refletem sobre esta área/ciência, há tendências divergentes quanto, por exemplo, a questão do profissional a gerir academicamente esta ciência/área. Há os que defendem a importância (não a exclusividade) de diplomados em Ciência(s) da Religião para a gestão da mesma na Academia, como forma de fortalecer esta área/ciência (e definir sua identidade) a partir de dentro, daqueles que, em sua formação acadêmica específica, experimentaram e encarnaram os dilemas epistemológicos aqui apresentados, e que, por sua formação e experiência, poderiam melhor conjugar e harmonizar os conflitos epistemológicos, talvez em um viés de sistematização sintética. Mas também há os que defendem uma pluralidade maior nos quadros acadêmicos a gerir esta área/ciência, visualizando a concepção de que o próprio ecletismo de um corpo docente que apresente, em seu quadro, diversidade de formações, viabilizaria um diálogo interno no Programa, em trocas epistemológicas que, se não visam síntese, ao menos visam cruzamentos e empréstimos significativos para a pesquisa nesta área/ciência, definindo, assim, um rosto epistemologicamente plural, intercambiante, mas dificilmente sintético para as Ciências da Religião.

Enfim, a identidade do que seja (ou possa vir a ser) as Ciências da Religião passa, a meu ver, muito em torno da discussão sobre os profissionais/docentes que gerem, definem e dão rostos aos Programas. E sobre como os egressos dos Programas se entendem e se definem. O saudoso Antonio Gouvêa de Mendonça, ex-professor do Programa da UMESSP, chamava a atenção para os currículos de egressos daquela instituição, em que os egressos do curso se apresentavam como sociólogos da religião,

¹⁶ Consulta em: <http://www.ce.ufpb.br/ppgcr/?secao=14>. Acesso em 10/11/2010.

ou biblistas, ou teólogos (Mendonça, 2001). Mas, o que é um cientista da religião? Qual a abrangência e especificidade de sua competência? Não poderá haver uma resposta a isto enquanto não houver uma à questão da identidade, isto é, do que seja, afinal, a(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões) (e do que ela não seja), a partir de consensos mínimos, mas estáveis e robustos, se possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, Colin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. In: **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, Vol. 18, n. 1, 1997. P. 5-22.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CAMURÇA, Marcelo. Da boa e da má vontade para com a religião nos cientistas sociais da religião brasileiros. In: **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, Vol. 21, n. 1, 2001. P. 77-86.

DREHER, Luís. Ciência(s) da Religião: teoria e pós-graduação no Brasil. In: TEIXEIRA, Faustino. **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil. Afirmação de uma área acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2001.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

MENDONÇA, Antonio. Comentários sobre um texto prévio de L. Dreher. In: TEIXEIRA, Faustino. **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil. Afirmação de uma área acadêmica**. S. Paulo: Paulinas, 2001.

MONTERO, Paula. Religião e dilemas da sociedade brasileira. In: MICELI, Sérgio. **O que ler em ciência social no Brasil**. Caxambu, ANPOCS, 1999.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Estudos da Religião no Brasil: um dilema entre academia e instituições religiosas. In: SOUZA, Beatriz. **Sociologia da Religião no Brasil. Revisitando metodologias, classificações e técnicas de pesquisa**. São Paulo: PUC/UMESP, 1998.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In: ORO, Ari Pedro ; STEIL, Carlos (Orgs.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997. P. 249-262.

PONDÉ, Luís Felipe. Em busca de uma cultura epistemológica. In: TEIXEIRA, Faustino. **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil. Afirmação de uma área acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2001.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Joachim Wach e a Ciência da Religião. In: ROLIM, Francisco Cartaxo (Org.). **Dicotomias religiosas: ensaio de sociologia da religião**. Petrópolis: Vozes, 1997. P. 108-130.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2006.

USARSKI, Frank. Os Enganos sobre o Sagrado – Uma Síntese da Crítica ao Ramo "Clássico" da Fenomenologia da Religião e seus Conceitos-Chave. In: **Rever**. Ano 4, n. 4, São Paulo: PUC, 2004. P. 73-95.

WACH, Joachim. **Sociologia da Religião**. São Paulo: Paulus, 1990.

Recebido em 22/10/10

Aprovado em 10/01/11